

26.5.12550

DEPT. OF

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 93

**Apelo para a guerra
de Mr. Rudyard Kipling**

PUBLICADA PELO

Col. 13

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



Apelo para a guerra de Mr. Rudyard Kipling

Falando num teatro de Folkestone, perante um numeroso auditorio, o eminente escritor inglez, Mr. Rudyard Kipling, disse: «Vou tratar dum assunto bastante serio e por isso começo por contar-lhes uma historia. Houve uma vez, ha disso um seculo, uma numerosa e bem organizada sociedade na India que vivia pelo assassinato e pelo roubo. Eram educados desde a infancia nessa profissão, que era tambem a sua religião. Chamavam-se Thugs. Disfarçavam-se de peregrinos, de viajantes, ou negociantes e juntavam-se aos grupos de peregrinos, viajantes e comerciantes que percorriam a India. Ganhavam a confiança das suas vitimas, descobriam os valores que levavam e em tempo proprio — ás vezes depois de semanas ou mezes — matavam-nos por meio de alimento envenenado ou estrangulavam-os por meio duma toalha ou duma corda. Depois de tirar á vitima todos os objectos de valor, atiravam com o corpo para um poço ou enterravam-no e iam á procura doutra vitima. Por fim o Governo da India teve de intervir. Creou uma repartição de thuguisimo e depois de alguns annos de perseguição aos Thugs

e de ter enforcado os assassinos e encarcerado os seus espíões e cúmplices que se recrutavam em todas as classes da sociedade, conseguiu pôr termo ao negocio dos Thugs.

O mundo tem feito progressos desde essa época. Comparados com os criminosos actuaes esses Thugs não passavam de amadores. Não mutilavam nem profanavam os cadáveres; não torturavam, não violavam nem escravizavam os povos; não matavam a rir as creanças, nem queimavam as aldeias. Matavam e roubavam simplesmente como resultado de educação, dever e religião, sob o patrocínio da sua deusa, Kali a Destruidora. Ora no momento actual todas as potencias do mundo, que não foram ou amedrontadas ou compradas, teem-se visto obrigadas a formar uma grande repartição internacional para dar fim ao thuguisimo internacional da Alemanha, pela razão que a não acabar a existencia neste planeta tornar-se-ha insupportavel á humanidade. Ainda existe em Inglaterra gente que não pode acreditar que o alemão tenha sido educado pelo Estado desde a sua nascença a ver no assassinio e na pilhagem, embelezados por todos os actos de tradição e de horror que o espirito do homem pode inventar, um meio perfeitamente legitimo de alcançar os fitos nacionais do seu paiz. Estas coisas não lhe repugnam. Ensinaaram-lhe que fazê-las é seu dever e que a sua religião as justifica. Isto tanto era verdade em 1914 como é agora. Os individuos que foram creados a considerar como seu supremo bem toda a casta de males organizados

por verem neles o seu proveito, não mudam de crença até que lhes prove que o mal não é proveitoso. O alemão acredita que no passado o mal tem-lhe sido proveitoso e que para o futuro ainda o será mais. Como o Thug, antes de começar a campanha contra a humanidade, o boche sabia perfeitamente o que tinha tenção de fazer. Está hoje bem provado que os seus venenos e suas cordas estavam preparadas de antemão e as suas espias tinham-lhe divulgado tudo quanto precisava saber a respeito dos povos que queria atacar. Ele está fazendo o que aos seus olhos é justo. Planeou o inferno que desejava crear; começou a obra com toda a sêriedade e ciencia empregando nela as mãos mais desttras e os cerebros mais inteligentes; insuflou-lhe o seu proprio espirito para que crescesse a par das necessidades e quando chegou a hora oportuna, largou-o num mundo que até então estava persuadido que existiam limites além dos quais o homem não ousaria levar o pecado.

A grande maioria das atrocidades cometidas pela Alemanha ainda não vieram a publico. Nisto não concordo. Mas aqui em Folkestone temos experimentado o que elas valem. Soubemos ha pouco que desde o principio da guerra mais de 14.000 não-combatentes inglezes, homens, mulheres e creanças, teem sido afogados, queimados ou despedaçados. Porém do que não temos idéa — e não teremos nenhuma idéa até que se rompa o veu depois da guerra — é da extensão e do método destas atrocidades. Nunca poderemos compreender como se compreende nos dis-

tritos da Belgica e da França occupados pelo inimigo, os horrores organisados que a Alemanha tem inflingido ás populações que lhe caíram nas mãos para subjugar o fisico e profanar a alma. Forma parte da crença alemã. Que accordo será possível com uma raça que imaginou e levou a efeito tais actos? Emquanto os alemães tiverem um pretexto para julgarem que tais actos trazem proveito, como será possível celebrar com eles uma paz em que se possa ter confiança? E' ponto essencial da Kultur alemã, isto é, a religião alemã, ser do dever moral da Alemanha romper todos os élos, acabar com todas as restrições que unem os homens se isso lhe pode dar proveito. E' por esse motivo que toda a humanidade está contra ela. Toda a humanidade tem de estar contra ela até que ela se convença que não é dado a raça nenhuma sair fóra dos limites da humanidade.

Quanto mais soffremos nesta guerra, tanto mais se torna evidente esta necessidade. O nosso coração, o nosso raciocinio, todos os instintos que nos elevam acima do animal, declaram que a guerra deve continuar, aliás este mundo tornar-se-ha um inferno sem esperança. Homens, navios e munições teem de avançar para a guerra, e o dinheiro, sem o qual nada se pode fazer, tem de os secundar. Onde se acha o nosso coração ali está o nosso tesouro. Ha mais de 1.200 dias que na Inglaterra se gastam rios de dinheiro, varios milhões por dia. Isto indica que ha para muita gente occasião de ganhar mais dinheiro do que ganharia em tempos de paz. Po-

rém o dinheiro de nada serve nem para o individuo nem para o paiz, gastando-se á medida que se ganha. Temos hoje uma boa occasião de nos precavermos contra trabalhos futuros, particulares ou publicos, empregando todo o dinheiro disponível na compra de papeis dos empréstimos de guerra. Lembrai-vos que tudo quanto se desperdiça em artigos fabricados, desde o fosforo at ao artigo mais caro, e tambem tudo quanto comprarmos que não seja essencialmente necessario, significa que estamos desviando o tempo e a força dalgum homem ou mulher de trabalho util da guerra, que é a unica coisa que hoje tem importancia, pois significa mantimentos, munições e navios. Fóra dessa necessidade, os gastos representam perigo e desperdicio. E' portanto uma occasião unica para economisar. O dinheiro que economisamos tornamos individualmente independentes; o dinheiro que emprestamos ao Governo representa a liberdade da nossa patria e a do mundo. A garantia do nosso empréstimo não está só no Imperio britanico mas na civilisação do mundo todo que reuniu os seus recursos de homens, dinheiro e material para levar esta guerra a um fim vitorioso. Levar a guerra até esse fim, eis a unica coisa que importa hoje.

De tempos a tempos reúnem-se os representantes dos Aliados e declaram quais são os fitos de guerra dos Aliados. De tempos a tempos os nossos estadistas tornam a repetir esses fitos. Todos estão concordes no facto que estamos combatendo pela liberdade e independencia,

pelo direito de existencia de pequenos Estados e pelo direito que assiste a todas as nações de escolher o seu governo. Tudo isto comprendemos e acreditamos plenamente. Estamos combatendo para que não caiamos na escravidão tal como a Alemanha a estabeleceu pela força das armas em muitos distritos da Europa. Combatemos contra 18 horas diarias de trabalho forçado sob o chicote ou á ponta da baioneta e no fim a morte dum cão e a sepultura dum cão. Combatemos para que os homens, mulheres e creanças não sejam torturados, queimados e mutilados nas ruas, como tem acontecido nesta cidade e noutras, aos centos. E continuaremos a lutar até que a raça que tem cometido estes crimes já não esteja em situação de os continuar ou repetir.

Se por qualquer motivo não alcançássemos a vitória—não ha meio termo entre uma victoria e uma derrota—o que nos vai succeder? Eu vos digo: Todas as relações, todo o entendimento, toda a dignidade moral que a civilização a tanto custo tem creado, desaparecem, apagam-se, pois estará provado que não podem subsistir. Toda a idéa de democracia—e é contra ela que no fundo a Alemanha combate—será banida do espirito humano porque terá provado que é incapaz de se manter contra a Alemanha. Morre, e morre desacreditada. O ideal alemão, as idéas fundamentais alemãs sobre a vida, occuparão no mundo o lugar da democracia. Sob essa lei o homem tornar-se-ha de novo a presa natural, ele e os seus bens, do visinho mais forte que

ele. A mulher não passará dum meio de continuar a raça, duma vítima da lascívia e crueldade do homem; e o trabalho tornar-se-ha objecto de severos castigos se ousar recalcitrar e será explorado até á morte se não recalcitrar. E da vida assim constituida não haverá apelo nem possibilidade de redenção. E' isto que entende o alemão quando afirma que deseja impôr ao mundo a Kultur alemã — que é a religião da Alemanha. E é precisamente contra isto que formou aliança o mundo todo. Exigirá de nós tudo quanto temos; tirar-nos-ha tudo menos a alma. E vêm aumentar a nossa provação os conselhos e as sugestões que devemos accitar uma especie de transigencia, que significa derrota, apresentados por agentes e conlêderados alemães que se encontram no nosso meio. Já estão trabalhando nesse sentido. Porém, lembrai-vos disto: Nada — absolutamente nada — que tenhamos de sofrer agora terá o valor dum ceutil comparado com o que teremos de sofrer se a nossa causa não alcançar a vitoria.»



